

Mudança Sociocultural e Mobral

INTRODUÇÃO

Até que ponto a alfabetização de adultos interfere na realidade sociocultural do analfabeto?

É opinião comum que a escola é caminho certo para a ascensão social. Com a escola se descortinam melhores condições de vida, maiores oportunidades para os educandos.

Tratando-se, no entanto, de adultos, que não seguiram nenhum curso regular de estudos ou não tiveram nenhuma iniciação escolar, o que significa para eles aprender a ler e escrever, do ponto de vista da mudança sociocultural?

A UNESCO, quando lançou na década de 60 a "alfabetização funcional" como solução para o analfabetismo no mundo, pensava que se conseguiria facilmente resultados promissores, não somente quanto à habilidade de ler e escrever, mas sobretudo pela abertura de novos horizontes de desenvolvimento social, político e econômico.

No Brasil quem assumiu esta proposta da UNESCO foi o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que, na onda do entusiasmo, esperava, numa década, resolver ou reduzir o analfabetismo do Brasil a uma taxa residual de 5%. Não foi o que ocorreu.

O nosso enfoque, contudo, não é tanto dos resultados, por assim dizer, instrucionais: saber as contas, ler e escrever, mas da conseqüente mudança que se pode esperar após tal fato.

Um adulto, que aprende a ler e escrever, não é mais o mesmo após esta experiência. Não tanto porque se lhe descortina um mundo de mensagens e idéias escondidas nas palavras que vai decifrar, mas sobretudo porque sua alfabetização visa iniciá-lo na problemática da vida comunitária e nas soluções políticas, que o afetam.

Realizamos uma pesquisa de campo para verificar o que se podia esperar de mudança e transformação num adulto alfabetizado (MÁRIO GOVONI, *Alfabetização de Adultos como Mudança Sociocultural*, Teresina, Punaré, 1980), tendo em vista o objetivo da funcionalidade da educação para o trabalho e a inserção ativa do analfabeto na sociedade.

Após uma breve descrição da problemática sociocultural enfocada por nós, descreveremos a pesquisa e os resultados ou conclusões alcançadas.

MUDANÇA E EDUCAÇÃO FUNCIONAL

A partir do conceito de mudança social que nos apresentam as várias escolas sociológicas, tentamos situar a "educação funcional" para compreender que efeito se pode esperar, já que, com a pesquisa de campo, quisemos estudar a aplicação do programa funcional do MOBREAL e averiguar o tipo de mudança que se operou e em que direção se operou.

Os documentos da UNESCO que falam da "educação funcional" a descrevem como um processo pelo qual "o alfabetizado é uma pessoa que adquiriu conhecimento e competências indispensáveis ao exercício de toda atividade, onde a alfabetização é necessária para exercer um papel social eficaz no próprio grupo e na própria comunidade, e cujos resultados, conseguidos pela leitura, pela escrita e pela aritmética, são tais que lhe permitem continuar a colocar suas capacidades ao serviço do seu próprio desenvolvimento, da comunidade e de participar ativamente da vida de seu País". (Comité International d'Experts en Matière de Alphabétisation, Paris, 1964, e Congrès Mondial des Ministres de l'Education sur l'Elimination de l'Analphabétisme, Teheran, 1965). A escola é considerada um fator de desenvolvimento, além de condição para melhorar sua condição individual. Percebe-se nos documentos que as Nações Unidas se sentem solidárias com este processo que de-

veria, entre outros efeitos, "aumentar a compreensão entre os povos, a paz e a justiça para todos os homens".

No entanto, o apoio dado ao programa da UNESCO por representantes de Países de orientações políticas diversas faz pensar que cada um deles espera, na verdade, resultados distintos após a aplicação dos programas de educação funcional e permanente. A educação de adultos seria, desse modo, entendida como condição para o desenvolvimento, que poderá ser qualificado quer como mera modernização, quer como mudança de estrutura, conforme os dirigentes políticos de cada País. Podemos concluir que todos aceitam o valor prioritário da educação como condição para que algo de novo aconteça, sem contudo averiguar, ou melhor, re-tendo para si, o que se deveria fazer com este algo novo que acontecerá.

Em relação a esta problemática, nos colocamos na linha de uma consideração de W. MOORE (*Il mutamento sociale*, Bologna, 1971), segundo o qual a educação atua mais do que como mera condição de desenvolvimento, ainda que seja entendida, restritamente, como simples introdução de tecnologias novas e mais avançadas. Para MOORE o desenvolvimento econômico não implica só aspirações a uma vida melhor e o recurso a algum artifício tecnológico e organizativo. Ao contrário, deve-se recorrer a uma mudança de valores, como a mais importante condição para a transformação econômica. Um valor requerido pelo desenvolvimento econômico seria, por exemplo, um grau muito elevado de mobilidade individual e um sistema de inserção nos papéis profissionais fundado no merecimento pelo serviço prestado, exigência esta que entra, provavelmente, em conflito com muitos valores fortemente assimilados, relativos à supremacia da posição social e das obrigações familiares como virtudes morais. Vê-se, então, como muitas instituições entram em choque com a industrialização, a começar pela família e, em particular, o trabalho — que deverá ser móvel, não só geograficamente mas, também, no que toca a sua redistribuição social. Em particular, vista a variedade e complexidade das tarefas que um sistema comporta, o recrutamento de mão-de-obra deve fundamentar-se na especialização das funções, sem nenhuma consideração à posição social precedente.

Logo, a industrialização e a modernização comportam modalidades de diferenciação social e desigual distribuição de "status" e de recompensas sociais, para as várias posições e funções. A educação e a instrução — independentemente da posição política tomada por cada país — possuem um efeito de mudança que atua no sentido de reduzir a desigualdade de oportunidades, daí a importância de instrução pública. Essa desigualdade seria reconhe-

cidamente transmitida pela família e outras instituições que teriam a função de agências de socialização e inserção social das novas gerações. Com efeito, a modernização que favorece os sistemas competitivos de estratificação social tenderá a criar uma polarização entre os elementos inovadores e diretivos, contra os elementos menos qualificados e resistentes. Isto, sem falar do aspecto de insegurança e potencial mobilização dos resíduos desviantes (que não se conformam na marginalização e que, pela direção educacional do País, devem, certamente, ficar esquecidos e perdidos, em vista da direção da política geral).

Estas afirmações assumidas como hipótese deverão ser fundamentadas na análise empírica.

Portanto, diante do Projeto MOBREAL, que queremos pesquisar como tentativa de educação funcional e que se afirma como agente da mudança social, queremos nos perguntar até que ponto é agente e quais valores está inovando — ou seja, que ascensão social está promovendo, através da aquisição de novos papéis sociais e nova consciência de “status” e de valorização da pessoa humana.

Teoricamente, parece dever-se concluir que qualquer mudança, que não implique uma mobilização política, está fadada a provocar uma modernização, que significaria enriquecimento geral do país, mas do qual alguns se aproveitariam mais (ficariam com a maior fatia do bolo do PNB), enquanto outros deveriam ficar com as sobras, ao mesmo tempo que seriam criadas necessidades em vista de uma nova área de consumo para dar vazão à produção nacional e internacional.

Apesar desta perspectiva, que consideramos pessimista, vale a pena ensinar. Não somente porque qualquer transformação operada num fator qualquer do quadro de referência do sistema global comporta, de alguma forma, uma mudança social, mas, também, porque ensinar a ler e escrever não é só dar um instrumento novo ao homem, mas é sobretudo criar-lhe uma alma nova naquele sentido “prometéico” da educação, que se insere nos contextos determinísticos da sociedade, como diz GURVITCH (*La vocazione attuale della sociologia*, Bologna, 1965) ou, ainda, levando em conta a educação de adultos, faz com que grande número de leitores comecem a perceber mensagens que antes não chegavam a eles. É o que diz RIESMAN (*The Lonely Crowd*, New York, 1953): “Este incremento no número, variedades, dispersões de mensagens, juntamente com a generalizada impersonalidade da imprensa, que produz estes efeitos específicos, torna-se um dos principais fatores da mudança social”.

Então nos perguntamos: os planos da UNESCO e do MOBRAL, na sua interpretação da funcionalidade, alcançam os benefícios do desenvolvimento da sociedade e da pessoa ou só devem entender-se limitados à modernização, ainda que com seus efeitos de "feedback" e colaterais?

Cientes das ambigüidades decorrentes da determinação da unidade de mudança, do sentido da mudança, do tipo de mudança, não tomamos em consideração a sociedade global, mas duas regiões delimitadas — Bahia e Piauí, ou melhor, as duas capitais dos respectivos Estados —, caracterizando uma como região de iniciada industrialização e a outra como de uma fase ainda pré-industrial. Não consideramos a cultura geral, mas uma instituição: a escola de adultos. Tentamos especificar os elementos que são objeto da mudança, no nosso caso: as pessoas, suas atitudes, valores, comportamentos e situação social e os julgamentos que os outros fazem em relação aos sujeitos da mudança.

Quanto ao problema sempre aberto da direção da mudança — o clássico debate do progresso ou sedimentação —, para nosso estudo ele será considerado num conteúdo mais prático: ver os problemas da mudança considerada em termos setoriais e específicos, perguntando-nos: os membros do grupo estudado se tornaram mais interdependentes? São mais participantes da sociedade e de seu destino? Houve ascensão social? Houve democratização? Realizaram aquelas metas que a UNESCO apontou como o fim de toda alfabetização de adultos e que o MOBRAL assumiu e fez próprias de sua peculiaridade?

HIPÓTESES GERAL E PARTICULARES

Para entender o problema do analfabeto e do alfabetizando no contexto mais vasto do Estado e País, procuraremos ver a delimitação e dimensão dos fatos emergidos das entrevistas prévias e no estudo do ambiente social em que se ia operar, a fim de levantarmos perguntas — hipóteses —, a serem respondidas, avaliadas, verificadas.

O primeiro passo será definir a terminologia do que se quer verificar.

Toda vez que se emprega a expressão "*alfabetização de adultos*" no contexto desse trabalho, se pretende apresentar, praticamente, a mesma definição que dá o MOBRAL (*Soletre MOBRAL e leia BRASIL*, 1975), isto é: *pessoas que, ultrapassados os 15 anos, não sabem ler ou escrever um pequeno texto*. São considerados anal-

fabetos as pessoas que apenas assinam o próprio nome. Por alfabetizados entendemos: pessoas que, além de saber se comunicar por escrito, com a habilidade mínima de redigir ou ler um pequeno trecho, saibam dar razão de sua opinião, e que não estejam inferiorizadas ou acanhadas na vida quotidiana pelo fato dessa limitação de habilidade.

O conceito de *mudança sociocultural* é bastante vasto. Em vista da nossa pesquisa de campo o delimitamos e reelaboramos da seguinte forma: *aquela abertura nova, que se opera na personalidade do analfabeto, após ter adquirido a habilidade da escrita e da leitura, que lhe permite ver criticamente o mundo que o cerca e o torna capaz de modificá-lo segundo suas aspirações.*

Esta abertura ou nova dimensão de sua personalidade se manifesta no relacionamento social com os demais numa atitude conotada pelo dinamismo de rever e melhorar sua vida diante do mundo familiar, educacional, de trabalho, de saúde, político, religioso e de lazer.

Em linguagem popular, poder-se-ia dizer que o analfabeto é um "matuto" de uma sabedoria popular sedimentada e firme, mas muito desconfiado e fechado diante de tudo que não seja de seu ambiente natural restrito.

Que o analfabeto mude após a alfabetização, é uma afirmação hipotética a ser verificada, ainda que a aquisição da leitura e da escrita envolva sempre os aspectos fundamentais da pessoa que se expressam nas instituições básicas. Essas instituições: família, escola, trabalho, política, religião etc., não sofrem o mesmo impacto com a alfabetização — como verificamos a partir de uma série de entrevistas prévias, "focalizadas e não-dirigidas" —, no contexto urbano das duas cidades tomadas em consideração. Os indicadores, para sondar esta mudança, foram determinados pela incidência mais freqüente dos temas que emergiram destas entrevistas com mobralenses e analfabetos em Salvador e Teresina.

O quadro teórico-hipotético da pesquisa visava verificar se tinha ocorrido alguma diferença conotável como mudança sociocultural nas pessoas alfabetizadas pelo MOBRAL.

Dever-se-á ter presente que a alfabetização funcional proposta pela UNESCO visava esta mudança, verificada como possível em regiões de iniciada industrialização, e que o MOBRAL assumira esta alfabetização funcional estendendo-a a todas as Regiões do País, como um movimento de alfabetização de massa. Com essa nova perspectiva de alfabetização de massa, será que se conseguiria essa mudança sociocultural esperada?

Concomitantemente à alfabetização de adultos há outros agentes e fatos que pressionam e atuam como modificadores da estrutura social, que não podem ser esquecidos, ainda que não seja possível enunciá-los todos convenientemente.

Estes fatores de "médio alcance" que influem na mudança, os citamos sumariamente como: analfabetismo generalizado; família em transição; marginalização do homem suburbano; falta de comunicação; trabalho não-qualificado e subemprego; falta de sindicalização; ineficiência da "Célula Básica" do MOBRAL; política de sedimentação das estruturas; generalizada situação de violência e injustiça social. Ainda há outros fatores mais remotos, que atuam como "raízes estruturais" à base da disfunção da escola para a mudança social (que são apresentadas mais detalhadamente no livro citado da nossa pesquisa sobre o MOBRAL) e que sumariamente são indicados como: região economicamente dependente; interiorização de uma mentalidade de dependência social; passividade diante da mudança e escola classista.

A interpretação teórica destes fatores concomitantes nos leva a supor uma seqüência de impedimentos à mudança social esperada com a alfabetização de adultos, executada pelo MOBRAL, que são atribuíveis a essas principais causas:

- a) disfunção da alfabetização com as metas propostas pelo MOBRAL;
- b) sedimentação das estruturas sociais, que não permitem inovação a nível popular;
- c) economia do Estado em expansão, mas sem interesse para os marginalizados socioculturais;
- d) baixa remuneração do trabalho dependente que contraria a funcionalidade da alfabetização para a profissão;
- e) não-participação política, que anula as intenções de envolvimento dos mobralenses em projetos comunitários.

Por sua vez, estas disfunções parecem depender da lógica desenvolvimentista, no sentido específico de modernização, que parece excluir quer os "potencialmente nocivos", quer os que ultrapassem o nível de instrução suficiente para ler um aviso no trabalho ou conduzir uma máquina.

Assumindo a seqüência lógico-interpretativa acima, teremos essas hipóteses de trabalho:

- I — *A eventual mudança sociocultural dos alfabetizados pelo MOBRAL não difere dos analfabetos da mesma área, desde que os matizes que diferenciam os analfabetos e mobralenses se prendem mais à região subdesenvolvida (Teresina) versus uma região a caminho de industrialização (Salvador).*
- II — *O principal fator explicativo dessa eventual mudança deve ser procurado no efeito da urbanização (como mudança do campo para a cidade), mais do que na alfabetização.*

Posta esta hipótese geral em seu duplo aspecto, há outras decorrências, que o nosso trabalho de campo nos permitirá verificar.

Enunciamos a seguir as principais hipóteses particulares ou secundárias, considerando que sofrem influência negativa ou positiva a depender dos fatores explicativos de "médio alcance", que por sua vez têm uma explicação estrutural, acima indicada.

A alfabetização de adultos, portanto, deverá agir dentro de todos esses condicionamentos para operar uma mudança. Essas hipóteses são consideradas como variáveis dependentes, que conotam a mudança operada após a alfabetização.

Esperamos encontrar uma resposta qualitativa confirmando ou negando a possibilidade da ocorrência, a partir das perguntas do nosso questionário às seguintes hipóteses:

- a) Nas relações familiares e de vizinhança dever-se-á esperar um modelo de família patriarcal em transição para a nuclear urbana;
- b) A escolaridade é insuficiente para atingir o que se espera com o "decálogo do MOBRAL" e é instrumentalizada para obter o "canudo";
- c) a mobilidade horizontal e vertical é condicionada pelo modelo econômico desenvolvimentista e não é influenciada pela instrução;
- d) as condições precárias de vida não são melhoradas pela alfabetização;
- e) o trabalho e emprego não são qualificados e não visam diretamente a produção, mas são uma prestação de "fidelidade";
- f) a elevada expectativa de "status" a ser conseguida com a alfabetização é desligada da realidade;
- g) os clientes do MOBRAL urbano são o resultado do êxodo rural, que não tem seu ponto final na capital nordestina;
- h) a participação comunitária proposta com o MOBRAL não surte efeito, devido à desconfiança e medo de participação.

PESQUISA DE CAMPO

Com nossa pesquisa de campo procuramos verificar as hipóteses pelo "método da diferença" de J. S. Mill.

Assumimos como "grupo de controle" os que na mesma área permaneceram analfabetos comparados com os que se alfabetizaram no MOBREAL.

Tentamos verificar, portanto, as diferenças que ocorreram no grupo que se tornou alfabetizado em comparação com os que permaneceram analfabetos.

Considerando que assumimos a hipótese de que a funcionalidade da educação não era válida para um movimento de alfabetização de massa, deveríamos também ter um segundo "grupo de controle" representado pelos que se alfabetizaram num ambiente industrial (Salvador), contra um ambiente de pré-industrialização (Teresina).

Teremos então a seguinte tabela como:

Quadro hipotético da mudança social devida à alfabetização segundo o fator industrialização e grupo de controle

		Estímulo	Resposta
Área Industrializada (Salvador)	Analfabeto Mobralense	A + B + C A + B + C	$x(A + B + C)$ $x(A' + B' + C')$
Área Não-industrializada (Teresina)	Analfabeto Mobralense	A + B + C A + B + C	(A + B + C) A' + B' + C'

Com esta figura prescindimos do plano "ex post facto", inviável pelos motivos de dificuldade de tempo e mobilidade horizontal do grupo. Notamos na figura que no segundo momento, o da resposta, ocorre por um lado o fator x , que hipotizamos ser o fator de iniciada industrialização, que age sobre o analfabeto e sobre o mobralense, e por outro lado ocorre o fator de índice que representa tão-somente a mudança obtida com a habilidade da leitura e da escrita.

Acertado, pois, que o ponto de partida do analfabeto e mobralense tenha sido igual, a resposta ao estímulo será diferente. Com relação às variáveis que não estiveram sujeitas ao fator leitura e escrita, assumimos que ocorra uma resposta igual, quer por parte dos analfabetos, quer por parte dos mobralenses, nas respectivas áreas de região industrializada e não-industrializada.

O controle do comportamento novo dos mobralenses será efetuado equiparando registros, de maneira que seja assegurada a semelhança entre os grupos de controle e experimental em tudo, menos com relação à variável crucial, que é o MOBRAL.

No caso de a estímulos iguais (perguntas do questionário) se terem conseguido respostas iguais — o que era a nossa hipótese — poder-se-ia concluir, então, que a variável MOBRAL não seria significativa. Nesse caso haveria outros fatores que influiriam, os quais se pretenderia descobrir com o método da “variação concomitante” e análise de correlação.

Área de verificação

Escolhemos as duas cidades — capitais: Salvador e Teresina —, para nossa pesquisa de campo, por serem bem significativas num programa de alfabetização de adultos. Salvador, pelo seu passado colonial e cultural e pelo surto industrial atual, é uma cidade típica para uma experiência de alfabetização funcional, já que encontramos aí os elementos característicos para o pleno êxito de tal programa. Teresina, no entanto, foi assumida como “grupo de controle”, pois queríamos verificar se a alfabetização funcional de massa, da qual se faz promotor o MOBRAL, teve êxito aí. A alfabetização funcional, com efeito, supõe, em sua metodologia, encontrar um ambiente propício de iniciada industrialização, como requisito mínimo. Teresina era a cidade que precisávamos para verificar se a alfabetização podia aí se realizar com aqueles efeitos de mudança sociocultural, prescindindo da funcionalidade industrial do ambiente.

Amostra

O nosso universo era vasto e praticamente desconhecido: analfabetos, e ex-alunos do MOBRAL. Não existindo uma lista de analfabetos e mobralenses, a casualidade da amostra não podia atender a uma técnica apurada do ponto de vista probabilístico, mas devíamos nos satisfazer com uma “amostragem acidental” empregando a técnica que Boudon chama do tipo “bola de neve” (*Métodos Quantitativos em Sociologia*, 1971).

Estabelecemos uma quota de amostragem de uns 300 questionários para cada grupo de analfabetos e mobralenses, em cada cidade.

Para fins estatísticos utilizaram-se somente os questionários que voltaram completos e corretos. Para Salvador foram: 262 de analfabetos e 212 de mobralenses; e para Teresina: 232 de analfabetos e 212 de mobralenses.

A nossa "amostra acidental e de quotas", tendo presente os limites apresentados, era o que estava ao nosso alcance nas circunstâncias concretas, a fim de conseguir nossa avaliação. Acreditamos, contudo, que a singularidade da nossa população pesquisada nos sugerirá perspectivas e tendências, que, significativas em nossa população pesquisada, podem se tornar virtual certeza para um universo maior.

O instrumento da pesquisa

Trata-se de um questionário, que tem as características de um formulário, visto que o analfabeto e mobralense não saberiam lê-lo e entendê-lo sozinhos. É um instrumento extenso, de uns 80 itens. Fizemos a constatação, no entanto, que era mais pesado para o entrevistador do que para o entrevistado, desde que os semi-analfabetos se sentiam muito lisonjeados em responder a uma pesquisa feita por "gente da gente", como eram os jovens que aplicaram o questionário e que adestramos para tal fim.

O questionário foi aplicado em Teresina em dezembro de 1974 e em Salvador em janeiro de 1975.

CONCLUSÕES

Não é possível neste artigo apresentar as tabelas estatísticas, que vieram confirmar nossas hipóteses. Para isso remetemos ao nosso livro já citado, para uma análise mais detalhada dos dados recolhidos.

Aqui somente apresentamos as conclusões a que chegamos após a análise das muitas tabelas, visto que operamos com um questionário de 80 itens.

Essas conclusões e generalizações teóricas são o fruto da leitura das tabelas de respostas aos vários itens do questionário, processo em que mantínhamos, em quatro colunas separadas, as respostas dos analfabetos e mobralenses nas cidades de Salvador e Teresina.

O que ficou provado acerca das hipóteses apresentadas acima?

As conclusões às várias hipóteses foram sintetizadas numa frase que, na sua afirmativa ou negativa, corresponde ao sentido da hipótese geral e hipóteses particulares ou secundárias, enunciadas nas páginas anteriores.

O PRESSUPOSTO DA ALFABETIZAÇÃO

Em primeiro lugar, achamos que ficou provado e confirmado o pressuposto fundamental de que a alfabetização, sob qualquer matriz em que seja administrada, provoca uma certa mudança sociocultural. Por meio da escrita se abriu ao analfabeto um mundo novo, foram despertados nele novos brios, aspirações, possibilidades de sucesso e, para alguns, capacidade de decifrar um mundo outrora ininteligível.

Devemos ressaltar, porém, que não ficou provado que uma alfabetização qualquer abra novas perspectivas, novos horizontes. Constatamos, com efeito, que os mobralenses no breve curso de seis meses, quando não menos, dificilmente conseguem a leitura e a escrita. Falta-lhes o incentivo para continuar a ler. Poder-se-á perguntar: ler o quê? No questionário não havia perguntas sobre suas leituras habituais, desde que, nas entrevistas prévias, ficou constatado que ninguém lia e que continuavam a desdenhar o papel impresso, como quando eram analfabetos. Conseguir decifrar numa folha impressa de um jornal os resultados do próprio time de futebol, parecia já um trabalho árduo demais.

No aprendizado, o MOBRAL não operou uma abertura ao mundo da escrita, à exceção de alguns que após o MOBRAL progrediram com o "Esquema 1.º e 2.º" e entraram no Supletivo. Isso, contudo, não exclui que o MOBRAL tenha provocado outro tipo de mudança, como poderemos ver. No entanto, o MOBRAL não capacitou a segurança para o desempenho na escrita e na leitura — isto sem falar da regressão, que não foi abordada por nós, mas que parece ser alarmante.

A DIFERENÇA SOCIOCULTURAL ENTRE MOBRALENSES E ANALFABETOS É MÍNIMA NA MESMA CIDADE, MAS É ACENTUADA ENTRE MOBRALENSES E ANALFABETOS, ENTRE UMA CIDADE E OUTRA

Quanto à primeira parte da hipótese geral afirmamos que não há mudança sociocultural diferenciada entre analfabetos e mobralenses da mesma área, desde que o agente de mudança mais importante que atua sobre os dois é, a nosso ver, a industrialização. Com isso se quer dizer que, numa mesma área, de igual nível de industrialização, não se nota marcante diferença quanto à reação dos estímulos indicadores de mudança. Mobralenses e analfabetos da mesma área pensam e agem de forma bastante homogênea diante de problemas semelhantes. Em outras palavras, o MOBRAL não atingiu a personalidade, não deu olhos novos para contem-

plar a realidade sociocultural, já que o analfabeto reage da mesma forma diante de estímulos iguais. Isso não deveria constituir surpresas, desde que se tenha presente a curta duração do MOBRL. Mas se tratava de verificar a premissa do sistema MOBRL, que se julgava capaz de tal coisa, mesmo na alfabetização de "massa".

Tudo quanto afirmamos parece-nos provado por um conjunto de respostas ao nosso questionário, sobretudo aquelas relativas à cidade de Salvador, onde a percentagem das respostas pouco se diferencia entre mobralenses e analfabetos, em relação às várias reações. Os mobralenses afirmam haver adquirido uma objetiva habilidade nova, como seja a escrita. Porém, no que diz respeito a questões vitais, como trabalho, "status", vida social, que são reveladoras de uma nova mentalidade, eles seguem como os analfabetos. Parece-nos até poder afirmar que num problema vital, como o aumento dos preços, os analfabetos manifestam uma inteligência mais perspicaz do fenômeno que os mobralenses, que parecem repetir uma posição imitativa.

A outra afirmativa contida na primeira parte da hipótese geral, de que seria a industrialização o agente da eventual mudança, parece-nos que ficou provada. É assim que nós explicamos a maior funcionalidade do MOBRL, o maior desempenho escolar (não a simples obtenção de diploma!), a maior dinamicidade do mobralense, enfim, na área de maior diversificação industrial, que é Salvador.

A ACUMULAÇÃO URBANA EXPLICA A ADOÇÃO DE NOVOS MODELOS NÃO VEICULADOS PELA INSTRUÇÃO

Introduzimos um segundo fator explicativo, o urbano, que não parecia tão evidente na parte preparatória da pesquisa. No entanto, quando se fizeram perguntas com referência ao passado, que se imaginou coincidir com a época em que moravam no interior (variavam de 62 a 81%, segundo os vários grupos, os que não nasceram na cidade em que estavam morando), resultou que houve um afastamento, uma rejeição daquela mentalidade para aquisição de novos hábitos. Ainda que esta nova mentalidade, por alguns indicadores, pareça mais destacada para os mobralenses, este fato passa despercebido diante da fundamental igualdade de atitudes dos mobralenses e analfabetos numa mesma cidade. O que os mobralenses aprenderam é muito pouco para "botar banca" diante dos analfabetos. É a cidade com seus estímulos, com seus problemas, que "educa", que molda o comportamento de ambos. É a segunda parte da hipótese geral.

Se a atitude dos mobralenses e analfabetos, diante de certos estímulos reveladores de aculturação urbana, for igual, isso significa que a instrução do MOBREAL, ou nada acrescentou à cultura do mobralense, ex-analfabeto, ou ficou ultrapassada por um outro fator de maior relevância.

Esta hipótese, que incide gravemente sobre a funcionalidade do MOBREAL e sobre seus esforços no sentido de criar uma mentalidade nova, parece verificada.

Ao concluir a análise das tabelas estatísticas, temos a impressão de que a mudança no sentido sociocultural, operada pelo MOBREAL, foi mínima. Ele veio apenas dar uma cobertura, um verniz cultural, a quem, sem o mesmo, já havia conseguido adaptar-se a novos padrões culturais da vida urbana e industrializada.

Poder-se-ia objetar que esse povo entrevistado na pesquisa veio do interior e que, sem o MOBREAL, teria ficado ainda pior numa área urbana. Esta objeção é muito relativa, já que as habilidades adquiridas no MOBREAL não lhe servem muito na vida urbana. É suficiente olhar as tabelas sobre escrita, leitura e as contas. (Somente 41 e 51% diziam saber escrever um bilhete.) A simples entrada na vida urbana não é fator cuja funcionalidade leve o homem do campo a se interessar pelos estudos. É verdade que há uma forte diferença entre a vida urbana que oferece Salvador e a que oferece Teresina. Não somente por se tratarem de duas cidades bem diferentes quanto à população absoluta, mas, também, por se configurarem como um ambiente de industrialização incipiente — Salvador — e de pré-industrializado — Teresina. Este fator da urbanização e conseqüente aculturação agirá de forma diferente nos dois casos. Em Teresina, temos uma resistência maior em aceitar certas atitudes que acharíamos modernas.

Pareceu-nos confirmada essa real influência do fator urbano, ainda que para isso tivéssemos de ter assumido como grupo de controle uma área de MOBREAL na região do interior. Contudo, sem ofensa para a cidade de Teresina, esta pode ser tomada como grupo de controle "interiorano" frente à urbanização de Salvador, pois sua estrutura urbana é ainda muito precária, sobretudo quando consideramos as suas condições de trabalho e industrialização.

Diríamos, então, que a reação ao estímulo da aculturação à condição de vida e mentalidade de cidade, foi mais acentuada em Salvador do que em Teresina. Queremos dizer que, em Salvador, analfabetos e mobralenses são mais integrados à vida urbana do que em Teresina, independentemente da influência do MOBREAL. Isto se confirma, pois, em todas as tabelas, é fundamental a diferenciação entre as respostas de Salvador e as de Teresina, sem-

pre se manifestando em blocos separados. Homogêneos se apresentam os mobralenses e analfabetos, considerados em relação a cada uma das duas cidades, ao invés de se homogeneizarem as respostas dos mobralenses de Salvador com os mobralenses de Teresina, *versus* os analfabetos de Salvador com os analfabetos de Teresina. São, portanto, as duas cidades diferentes que dão respostas também diferentes, e não os mobralenses que dão respostas diferentes das dos analfabetos. Isso é bastante documentado pelas respostas às numerosas questões referentes à mobilidade vertical.

A URBANIZAÇÃO NÃO INTERFERIU AINDA NO MODELO DE FAMÍLIA PATRIARCAL, "MOLECULAR"

Dentro dos condicionamentos apresentados como fatores de "médio alcance" emergiram algumas hipóteses complementares.

Acerca da vida familiar, se dizia que devia ter acontecido uma mudança em direção à família nuclear urbana. Ora, isso não foi constatado de forma alguma. Nas cidades, as famílias dos mobralenses e analfabetos conservam os mesmos matizes da família rural. Surpreendentemente, isso acontece mais em Salvador do que em Teresina, pelo menos no que diz respeito à presença de pais e velhos nas famílias. Parece que se pode afirmar que vivem na cidade com as estruturas de um núcleo familiar numeroso, a fim de se ajudarem reciprocamente. Uma perspectiva nova se abre: é saber se, para esta faixa da população mais pobre e menos instruída, a cidade é uma realidade urbana do séc. XX ou é a transposição de uma aldeia do interior que sobrevive num bairro popular.

Foi constatado que todos na família têm alguma atividade de ordem econômica, nem que seja do gênero de biscate. Somando todas as pequenas rendas provenientes dessas atividades, compreende-se como pode sobreviver uma família que tem uma remuneração do trabalho tão baixa. Variavam de 32 a 47% os que ganhavam menos do salário mínimo regional.

A estrutura familiar, portanto, resistiu às pressões urbanas que a limitam ao núcleo essencial: pais e filhos.

O QUE SE PROCURA COM MAIS GARRA NO MOBRAL É O "CANUDO", NÃO A INSTRUÇÃO

Dizíamos que uma das expectativas dos alunos do MOBRAL era atingir um nível de "status" que os levasse a um trabalho "limpo" e que o MOBRAL fosse condicionado pelo "canudo". Era esta uma outra hipótese secundária.

Verificamos que a escolaridade — o nível de instrução proporcionado — deixa-os bem aquém do que é desejado pelo “decalogo do MOBREAL”. Não consegue o MOBREAL desencadear na personalidade do aluno uma sede e busca da instrução, que opere como que um movimento acelerado na busca de um universo que se descortine diante de seus olhos. Verificamos que seus olhos continuam tapados diante do universo, da civilização. Aprendem alguns o que lhes dizem, o que lhes mandam aprender, mas estão longe do “aprender a aprender”.

Parece-nos igualmente verificado que não é a motivação econômica que os pode motivar ou estimular. Tampouco a motivação da competência profissional.

Vão estudar para saber mais. Para saber o quê? O que fazer com este saber? Permanece uma meta nebulosa.

A desistência acentuada ao longo do curso confirma essa falta de interesse e de meta clara. Quando o curso “se torna pesado” e promete uma meta vaga, olhando para os outros que já conseguiram esta meta, é que cai mais a motivação. Sendo que a finalidade e as vantagens de quem concluiu permanecem obscuras e que a aprendizagem, em consequência disso, se demonstra fraca, não se compreende como haja ainda tanta persistência em agüentar o curso até o fim. Isso fica ainda mais evidenciado quando se nota que após o curso sabem tão pouco, como é o caso de Teresina (onde, apesar de terem menos conhecimentos que os correspondentes mobrealenses de Salvador, conseguem, contudo, uma maior aprovação ou alcançam mais facilmente o diploma). Parece então que esse diploma ou “canudo” se torna um fim em si mesmo. O importante é ter esse papel na mão, que documente, pelo menos, a boa vontade e o esforço despendido, que não é pequeno e que para muitos é dignificante e qualificante como declararam na questão aberta acerca da escala de status oferecida com o diploma do MOBREAL. Alguns se colocavam ao mesmo nível do doutor, pois tinham suado muito para tirar esse afortunado diploma. É verdade que parece uma colocação polêmica, que contrasta com o julgamento que fizeram da maior importância social do doutor sobre os trabalhadores manuais, conforme outras respostas dadas, mas não deixa de ser uma colocação qualitativamente importante.

Fica excluído, portanto, que o MOBREAL seja entendido como canal de ascensão social para capacitação profissional e intelectual adquirida. Seu valor fica preso ao instrumento legal, que situa o mobrealense na classe das pessoas que podem ler e escrever e que competem para um trabalho “limpo” e não manual.

A ASCENSÃO SOCIAL CONSEGUIDA PELOS MOBRALENSES É INTRACLASSE, EM BOA COMPANHIA COM OS ANALFABETOS

Quanto à mobilidade horizontal e vertical, acentuamos o fato registrado que 2/3 dos entrevistados não nasceram na capital em que estão residindo. Em Teresina, tal fato atinge 3/4 da população.

Como já foi dito na apresentação desta hipótese particular, verificou-se que a mobilidade horizontal não tem um freio depois de chegarem à cidade, mas continua, não só pela falta de condições e de ligação afetiva ao lugar, quanto, também, pelo desejo de um abrigo melhor. Cerca da metade da amostra declarou que morava numa casa diferente daquela de cinco anos antes. Há muito pouco a que se agarrar na casa em que moram: área pequena, utilidades domésticas bastante reduzidas, pouco apego ao local, pois uma pequena parte do dia, somente, é vivida no lar.

Esta mobilidade horizontal, mais acentuada, aliás, em Teresina, está ligada à busca de melhores condições de vida. No interior, de onde vêm, não havia algo que os segurasse. Vimos, também, que não é atrativa uma condição de vida ligada à terra. Embora a condição de lavrador e vaqueiro seja estimada como importante no conjunto do quadro profissional — particularmente em Teresina, onde recebe as maiores adesões quanto ao nível de “respeito” —, ninguém cogita esta profissão para si ou para seus filhos. No conjunto da amostra notamos que há um grupo que já trabalhou na lavoura. Tal grupo compõe-se sobretudo de analfabetos, que já foram lavradores. No entanto, tendo já deixado esta profissão, é bem reduzido o número dos que voltariam ainda ao campo. Este se tornou repulsivo e “a cidade torna livre”, se diz desde a Idade Média. Afinal se tem a impressão de que esta busca da cidade, da vida urbana, se dá em vista de uma maior liberdade e espontaneidade de atitudes, que não é dada no campo.

As respostas à pergunta da profissão exercida no passado, a atual e a desejada, nos demonstra que a ascensão social, que se faz por meio da profissão, prescinde do MOBREAL para ser adquirida, tornando assim inútil a funcionalidade proclamada pelo MOBREAL. O importante é um serviço “maneiro”, não ligado a uma atividade manual e que ofereça uma certa independência. A profissão de mecânico, ainda que esteja incluída entre as que mais se distinguem no grupo de prestígio social médio-alto, não é tão cobiçada assim. O número dos que desejariam esta profissão é, praticamente, o mesmo das pessoas que a exercem na atualidade.

A mobilidade vertical profissional não se revela influenciada pelo fator instrução, mas pela índole de observar e caprichar no ser-

viço, como reflete a tabela que nos fala do aprendizado no trabalho. É reduzido o número dos que aprenderam por meio de um curso ou observando profissionais. Parece que quanto à qualificação profissional o que vale é uma espécie de vocação inata que, ou se tem, ou nada há a fazer.

"COM MOBRAL OU SEM MOBRAL" UNS POUCOS CONSEGUEM TER CONDIÇÕES DE VIDA MENOS RUINS

Quanto a uma eventual melhora da vida como consequência da alfabetização, comparando os dados nas duas cidades, entre analfabetos e mobraleses, não há diferença significativa. Ambos são pobres e não parecem dispor senão dos bens estritamente indispensáveis à vida urbana. Um aspecto higiênico que se supunha modificado pelo MOBRAL, devido ao esclarecimento dado na escola sobre a vantagem no uso do filtro d'água, resultou bastante irrelevante.

A bicicleta, meio de transporte bastante comum em Teresina, é mais uma consequência da vida numa cidade malservida pelos serviços públicos de transporte.

Quanto ao uso e propriedade de eletrodomésticos, mais numerosos em Salvador, não parece que a ligeira vantagem dos mobraleses seja significativa. Nada indica, inclusive, que as noções de economia doméstica, por acaso inseridas no programa do MOBRAL, tenham surtido efeito, quando se constata que a porcentagem dos que dispõem de TV supera a dos que têm geladeira.

Acerca da "fartura" atual comparada com o passado, nota-se que em Salvador há uma impressão de maior fartura. Isso se deve à maior remuneração salarial ou ao custo de vida que é um pouco mais baixo do que em Teresina?

No que diz respeito às diversões em dias de folga, há sempre uma leve acentuação preferencial para o cinema, no caso de mobraleses.

As condições de vida, concluindo, não melhoraram como decorrência do MOBRAL. No entanto, encontramos pessoas que cursaram o MOBRAL e estavam em melhores condições de vida que os vizinhos mobraleses e analfabetos. Esta melhoria é atribuível ao MOBRAL ou a outros fatores? Considerando o fato que as domésticas mobraleses (25% da amostra total) indicaram o nível da casa em que trabalham, resta a conclusão de que a melhoria se deve a outros fatores e não à simples alfabetização, ainda que não tenhamos aprofundado muito esse aspecto.

Notamos, enfim, que o MOBREAL já cursado era considerado motivo de orgulho por um dever cumprido. Algo semelhante, por exemplo, a ter adquirido casa própria, ou a possuir certos eletrodomésticos a ostentar como símbolo de status. Em casos semelhantes, pareceu-nos que a pessoa em questão podia muito bem alcançar tudo aquilo, sem ter cursado o MOBREAL. O curso, com efeito, não deu habilidades ou capacidade para tanto, mas veio como que a encobrir, com um verniz de autoridade intelectual, o que já se tinha conseguido por outro caminho. Neste caso o MOBREAL foi um enfeite, conforme uma frase ouvida várias vezes: "Eu tenho concluído também o meu MOBREAL, sim senhor!". É um pouco como ser batizado. Para que serve, não se sabe; mas tem que receber porque "a gente não é bicho".

O TRABALHO IMPESSOAL E SEM QUALIFICAÇÃO NÃO TIRA A ILUSÃO DE UM AMANHÃ RADIOSO

Acreditamos que a situação de trabalho não ficou modificada pelo curso do MOBREAL. Quando falamos em trabalho, entendemos o trabalho não-qualificado, não-especializado, não ligado diretamente à produção e transformação. O trabalho parece que é entendido como uma grande ocupação de serviço terciário, uma profissão liberal que a gente assume quando bem entende e quando apertada pelas necessidades. Isso foi constatado não somente na leitura de obras paralelas, mas também por uma pesquisa complementar sobre hierarquia profissional relatada na obra citada. Trabalhar não significa produzir, mas prestar um serviço de confiança. Pareceu-nos que a valorização do trabalho, como obra bem-feita, o gosto do trabalho caprichado, naquele bom estilo dos artesãos da Renascença, está muito longe de ser experimentado por esta faixa de trabalhadores. A dinâmica desenvolvimentista difundida pelo MOBREAL modificaria este quadro? Não houve diferença significativa entre as respostas dos mobrealenses e dos analfabetos. Houve um maior interesse para uma especialização, ou declarada diversificação nas tarefas de trabalho, em Salvador, tanto entre os mobrealenses, quanto entre os analfabetos. Nesta cidade, ao fazerem a descrição do próprio trabalho, apareciam mais descrições de profissões diferentes. Isso, a nosso ver, está ligado à maior expansão industrial da cidade mencionada.

Quando perguntamos sobre a opinião dos patrões com respeito a seus dependentes que estudavam no MOBREAL e como enfrentavam um problema trabalhista, resultou que o MOBREAL interferiu pouco na problemática do trabalho. Por meio do MOBREAL, muitos conseguiram só documentos de identidade e carteira de trabalho, o que é uma melhora objetiva. Resta a dúvida sobre a validade

da passagem "post hoc, ergo propter hoc", já que os analfabetos conseguiram igualmente os documentos acima com pouca diferença percentual. Isso, contudo, não veio fortificar sua posição contratual no trabalho. O alfabetizado está disposto a pleitear seus direitos trabalhistas com firmeza? Se uma mudança ocorreu, esta não foi no sentido de dar disposição e condições de correr o risco de um dissídio salarial, mas no de ter adquirido a carteira de trabalho, ainda que a utilização dela como o registro de seus direitos e deveres venha a depender de outros fatores.

Quanto à necessidade de organização sindical, parece que os analfabetos de Salvador percebem mais acentuadamente a importância e necessidade desta dimensão do que os mobralenses. No entanto, a atitude de prudência e de confiança nas leis trabalhistas, como também nas autoridades prepostas a isso, é bem marcante entre os mobralenses de Salvador. O que foi que levou a esta atitude de conformismo? Os analfabetos devem ter passado pelas mesmas experiências de dificuldades trabalhistas, mas parecem se aproximar mais de outra conclusão: luta e organização, ao passo que os mobralenses ou amansaram ou adquiriram, de fato, um espírito de maior confiança nas "muitas leis existentes para defender os trabalhadores".

O MOBRALENSE "SABE" E CONFIA, O ANALFABETO NÃO SE FAZ ILUSÕES

Falávamos numa subipótese de "irrealismo das expectativas de status". As expectativas alimentadas de um progresso rápido e fácil após a alfabetização encontraram ressonância nas várias tabelas. Os mobralenses são os que acreditam mais facilmente que sua situação pode melhorar, acreditam num "estado de direito". Os analfabetos parecem mais desconfiados. Não se fazem ilusões. Não se pode sugerir que este otimismo irrealista dos mobralenses tenha sido inculcado pela escola. Toda sociedade acredita cegamente nisso: a escola abre o futuro. No caso dos mobralenses, no entanto, pode se tratar de um reflexo de envaidecido convencimento de ter conseguido algo longamente sonhado: ler e escrever seu nome: auspício de conquistas maiores.

Parecem, com isso, ter perdido o contato com a realidade dura, de igual forma que na questão aberta, sobre o aumento dos preços, revelam um conhecimento correto, citando a inflação e o petróleo, mas parece um conhecimento imitativo, livresco, aprendido de alguém que sabe por eles, não fruto de uma observação como "escassez" ou "seca", mais reveladora de um conhecimento econômico ao seu alcance, como disseram destacadamente os analfabetos.

A MACIÇA MIGRAÇÃO PARA A CIDADE DE TERESINA NÃO PROVA QUE ESTA SEJA PÓLO DE ATRAÇÃO

Quanto à afirmativa da hipótese particular, de que Salvador emergia como ponto final de uma peregrinação do campo para a cidade e que Teresina aparentava ser somente um ponto intermediário, local de transição para outras metrópoles, não ficou suficientemente confirmada. Sabemos apenas até que ponto em Teresina houve uma imigração acentuada de outro Estado. Mas isto é facilmente explicável devido à posição geográfica de limite com o Estado do Maranhão. Apontaria, no entanto, na direção da hipótese, o fato de que a maioria dos que vieram de fora teve um tempo muito curto de permanência na cidade.

Concluindo, muita gente veio para as duas cidades (mais em Teresina por sinal, do que em Salvador), no entanto não ficou muito claro se para aí se instalar definitivamente. No caso de Teresina há somente indícios de que seja um simples lugar de passagem.

MOBRALENSES E ANALFABETOS NÃO SE EXPÕEM NA JOGADA DA PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA

Quanto à democratização e participação na vida comunitária, levantamos a hipótese de que isso não acontece para os mobralenses e que sua efetiva participação não se diferenciava da dos analfabetos da mesma área.

Várias questões tentaram sondar esta participação como, por exemplo, os papéis assumidos nas associações locais (em que a diferença a favor do MOBREAL é nada significativa, e mais na área do futebol do que na participação em um mutirão).

Se olharmos para as tomadas de atitudes que denotam certa independência de juízo e capacidade de tomar posição pessoal, veremos que os analfabetos, nas respectivas áreas urbanas, destacam-se mais do que os mobralenses. Poder-se-ia lembrar, por exemplo, a opinião sobre o direito trabalhista de uma empregada, em que a resposta dos mobralenses parece de maior conformismo do que a dos analfabetos. No entanto, é bom ter presente que os mobralenses apontam como maiores vícios da convivência social, mais do que uma causa moral (inveja, orgulho) uma injustiça social. Igualmente, atribuem a criminalidade urbana em aumento às difíceis condições da vida urbana. Diríamos que os mobralenses têm maior conhecimento que os analfabetos acerca do que está errado e parecem mais dispostos a acreditar numa solução segundo o direito.

A opinião acerca de uma historiazinha do caboclo e do senhor de jipe ao atravessar uma ponte, ainda que tenha sido colhida de um fraco teste projetivo, parece-nos revelar uma atitude de subserviência. Em geral tal atitude é menos subserviente em Teresina, o caboclo aí "cedendo" uma espécie de direito; já a atitude de confiança na cordialidade do homem do jipe é mais forte entre os mobralenses.

Diante dos abusos de poder, que se constata na vida diária, há pouca diferença significativa entre analfabetos e mobralenses. Somente que os analfabetos de Teresina revelam um brio maior em tirar satisfação. Isto condiz com suas tradições interioranas de valentia? Os mobralenses, no entanto, demonstram uma fé maior no recurso às autoridades, como forma de conseguir satisfação. Se tal atitude está fundamentada na experiência de já terem conseguido esta forma de satisfação ou uma indicação do que ela deveria ser não é dado auferir pela resposta.

Será interessante observar que, quanto à possibilidade e qualificação para ocupar cargos na vida pública, os mobralenses se julgam mais preparados do que os analfabetos. E acham mais fácil conseguir um cargo que exige maior capacitação, como o de Prefeito, desde que seja no interior, do que o de Vereador na Capital. Quem conferiu esta capacitação foi o MOBREAL ou a vida urbana? Não é dado apurar.

Quanto à sensibilidade às questões sociais e sua possível solução, vimos que os problemas de trabalho e salário, considerados como preocupações principais, recolhem iguais adesões entre os mobralenses e os analfabetos das duas cidades.

As soluções que apontariam, se tivessem poder para isso, não se diferenciam muito.

Concluindo sobre esta participação e democratização, achamos que não há diferença notável entre mobralenses e analfabetos, prevalecendo em ambos uma atitude de prudência. Portanto, a alfabetização não parece ter atingido esta dimensão em que parecia capaz de grande transformação.

PERSPECTIVAS E LIMITAÇÕES

Novas perspectivas emergem das conclusões por nós alcançadas. Parecem-nos ainda provisórias, porque sondamos apenas um pequeno setor da problemática e aplicamos instrumentos de medição muito limitados.

A partir das observações feitas aos vários itens, concluímos que o MOBREAL não conseguiu realizar a funcionalidade que se propunha na região urbana estudada, ainda que em Salvador revele um dinamismo maior, atribuível à aculturação urbana.

Como perspectiva geral que emerge das conclusões, achamos que o MOBREAL falha em realizar a funcionalidade, porque o programa não envolve a vida do homem e da mulher de uma cidade subdesenvolvida e pré-industrial, com temáticas que atinjam profundamente as pessoas. Parece-nos que dispõe de algumas técnicas apuradas, mas está falho na finalidade, na metodologia — nos seus aspectos de caminho e objetivo. Bastaria observar que a mesma palavra “tijolo”, palavra-geradora de participação e envolvimento político no sistema de Paulo Freire — do qual o MOBREAL se aproveitou a mãos cheias — é, sim, assumida pelo MOBREAL, mas com uma ressonância mínima, incapaz de sacudir o analfabeto e imergi-lo na aventura do mundo da escrita, onde ocorrem as grandes lutas. O MOBREAL evita tratar dos grandes desequilíbrios da vida do homem comum, do homem analfabeto, mas procura apresentar-lhe um mundo sereno, equilibrado, bom. Há certo receio no MOBREAL em tocar em temas candentes de atualidade, com o medo de colocar nas mãos de uma “criança”, de um “inocente” — que seria o adulto analfabeto — uma arma perigosa.

Falta-lhe coragem ou consciência em admitir que o analfabeto que se senta nos bancos escolares tem uma dignidade, conhecimentos e experiências, e que em nada deve aos instrumentos e professores. Dever-se-ia entender que a conversa do analfabeto contém sabedoria antiga e secular, que o leva a tomar compromissos e a estabelecer padrões morais, que requerem coerências.

O analfabeto, o “matuto”, não é menos homem porque não tem escrita. Falta-lhe tão-somente o instrumento para dizer o que acumulou de reflexão sobre a vida.

Parece-nos que a consecução das metas do MOBREAL é possível, desde que acredite que cada indivíduo analfabeto adulto é uma personalidade formada, diferenciada de uma região para outra por tradições culturais e históricas. E que precisa, portanto, de um programa diferenciado e não único, “de massa”, para esta empresa. Como movimento de alfabetização de adultos, movimento de massa, parece que não consegue impor este modelo único a toda a realidade nacional. Há muita diferença entre o analfabeto de Salvador e Teresina e entre o analfabeto urbano e rural. Não podem ser moldados de igual forma, descuidando dos interesses vitais ligados à família, trabalho e sociedade. Desse modo não se conseguiu nada mais que um pálido verniz de instrução, valorizada

artificialmente por um prestígio, que não é tomado a sério pela própria sociedade.

Quanto às perspectivas, portanto, parece-nos que o MOBRAL alcançaria melhor seus objetivos se partisse de uma consideração antropológica de que o analfabeto não é um "matuto", nem um parasita social, nem uma criança grande, mas um homem que tem seus valores e é capaz de dar respostas não previstas pelos que planificam a vida dele, sem saber quem ele é.

No fim deste trabalho temos que admitir muitas limitações que lhe são inerentes, quer quanto à amostra reduzida no trabalho de campo e à validade das respostas, quer quanto à significância das percentagens. Deixamos de lado toda a problemática da área rural, que exigiria uma pesquisa toda especial, suscetível, aliás, de sugestões muito interessantes. Certamente seria importante grupo de controle para o nosso trabalho, a fim de averiguar a incidência da aculturação urbana sobre a mudança sociocultural.

Estamos, por outro lado, satisfeitos com o trabalho executado. Sobre tudo se considerarmos as condições difíceis em que operamos (ambientais, técnicas e de envolvimento em outras áreas de trabalho); só depois de dois anos de conclusão da pesquisa de campo, é que nos foi possível ter pronto o trabalho definitivo e depois de quatro anos tê-lo pronto para publicação.

No entanto, conseguimos, a nosso ver, apresentar uma contribuição ainda válida, embora modesta, fundamentada na observação e na pesquisa de campo para contribuir na "quaestio disputata" sobre a mudança social a ser operada pela alfabetização de adultos e em volta do MOBRAL, que assumiu a afirmativa dessa colocação.

Passamos a conhecer melhor o MOBRAL, sua organização, seus projetos, ainda que os resultados estejam aquém do desejável.

Conhecemos sobretudo que o problema da alfabetização de adultos, e, igualmente, o da educação em geral, envolve todas as dimensões do homem. E, somente estando abertos a todas estas dimensões, é que o educador ou a sociedade educante promoverão um real crescimento do educando.

Teresina, 15-03-1980